

Economia - Como escolher o melhor profeta para prever a inflação

18 SET 1991

da The Economist (*)

Quando o tempo está bom, são poucas as pessoas que se preocupam com a exatidão das previsões; se mudar o tempo, as queixas chovem. O fracasso de praticamente todos os especialistas de preverem as recessões que ocorreram nos Estados Unidos e na Inglaterra gerou uma dose ainda maior de ceticismo quanto ao valor das previsões econômicas. Apesar de todos os "progressos" registrados na teoria econômica e dos computadores de potência mais elevada, as bolas de cristal dos economistas continuam envoltas em nuvens.

Os empresários, no entanto, não podem evitar a necessidade de usar previsões econômicas para planejar os seus estoques ou investimentos futuros. Assumir que amanhã as coisas continuarão exatamente como estão hoje também é uma previsão e, com quase toda a certeza, essa previsão não está certa. Formule a mesma pergunta a cinquenta economistas, você ouvirá cinquenta respostas diferentes. Em quem se deve acreditar? O astro dentre os profetas econômicos de hoje pode ser o grande fracassado de amanhã. Até mesmo um relógio parado marca a hora certa duas vezes por dia.

Uma solução cada vez mais popular consiste na utilização das previsões de "consenso", como as publicadas pela Blue Chip, uma publicação especializada norte-americana, e pela Consensus Economics, uma empresa sediada em Londres. Não que os economistas estejam de alguma forma perto de chegarem a um consenso; trata-se simplesmente de uma tosca média estabelecida entre uma ampla gama de previsões individuais.

Até que ponto as previsões de consenso são corretas? Robert Eggert, editor da Blue Chip, ouve aproximadamente cinquenta economistas norte-americanos todos os meses. No decorrer dos últimos catorze anos, a previsão média do crescimento do PNB que a equipe da Blue Chip preparou (sempre em outubro, para o ano seguinte) teve uma margem média de erro (ignorando-se os sinais de menos e de mais) de 0,9 ponto percentual em comparação com o resultado final real. Nisso está incluído também o pior de todos os anos, quando o consenso afirmava que o PNB iria crescer em 2,2%; na verdade, ele sofreu uma considerável queda de 2,5%.

Alguns economistas argumentam que as previsões de consenso são prejudicadas por não se basearem num modelo explícito de como a economia funciona, ou em premissas específicas quanto ao preço do petróleo ou ao desenvolvimento das taxas de câmbio.

A previsão de consenso pode não ser a opção predileta de ninguém. Não faria bem mais sentido escolher-se o profeta econômico que possa ostentar o melhor currículo?

Stephen McNees, economista do Federal Reserve Bank of Boston, estudou a exatidão de 22 especialistas em previsões, que fazem parte da equipe dos entrevistados da BLUE CHIP, desde que o esquema foi montado em 1977. Ele conclui que em relação a uma única variável, como a inflação, cerca de um terço dos profetas revelou ser consistentemente mais correto do que o consenso geral.

Mas cada um destes profetas tem pontos fortes e pontos fracos. Um deles pode ser excelente na previsão do PNB, mas pode se enganar redondamente quanto à inflação.

Se bem que praticamente todos os profetas econômicos possam se vangloriar

de terem sido mais exatos do que o consenso em pelo menos uma das variáveis, ninguém consegue resultados melhores em todos os sete indicadores cobertos pelas previsões. Considerando-se todos os sete indicadores juntos, a previsão de consenso apresenta uma margem média menor de erros no decorrer do tempo do que todos os profetas individuais, com excessão de apenas cinco.

Mas será que não continuaria sendo melhor e mais produtivo apostar nas previsões de um destes cinco? O problema é que cada um destes cinco principais especialistas se mostrou bastante errado em relação a pelo menos um dos indicadores. Além disto, o ranking exato entre os profetas econômicos é extremamente sensível quanto ao horizonte de tempo da previsão. Se forem utilizadas as previsões de fevereiro em vez das de outubro, modifica-se também a lista dos indivíduos que conseguiram melhores resultados.

Outro exercício intrigante consiste em examinar as performances dos ganhadores do prêmio concedido pelo Sterling National Bank de Nova York ao mais exato dos profetas econômicos da BLUE CHIP todos os anos. Nos dez anos anteriores a 1990, em média, os vencedores não eram mais eficazes nas suas previsões do que a média.

A moral disso tudo, conseqüentemente, é que se um usuário está igualmente interessado em muitos indicadores econômicos, ele provavelmente será mais bem servido caso resolver se utilizar do consenso. Isso servirá para minimizar o risco de erros. Por outro lado, um empresário que esteja interessado em apenas uma ou duas das variáveis, tais como, por exemplo, o crescimento e a inflação, e que disponha de tempo suficiente para ficar comparando as antigas performances dos vários profetas econômicos, estaria mais bem servido escolhendo aquele que apresentasse o melhor currículo. Mas para alguém que nada sabe a respeito de previsões econômicas, provavelmente a opção mais segura estaria em utilizar a previsão de consenso, mesmo interessando-se por um único dos sete indicadores, em vez de escolher um profeta de forma aleatória.

Uma previsão de consenso também é uma maneira prática para os empresários acompanharem as modificações nas expectativas — por exemplo, para ver se as atividades estão se acelerando ou se estão diminuindo de intensidade.

Como deveriam os "profetas" econômicos se utilizar do consenso? Comparar as próprias previsões com a média das previsões dos demais especialistas sempre é útil, já que os força a explicar as diferenças existentes. Mas sempre há um certo risco de que os "profetas" econômicos se transformem em algo semelhante aos administradores de fundos, considerando mais seguro manter-se alinhados com o índice, ou, neste caso, com o consenso das previsões do que arriscar uma previsão própria. Se todos passarem a retocar as suas previsões, alinhando-as com o consenso do mês anterior, então esse consenso perderá cada vez mais a sua utilidade.

A performance dos especialistas de que se dispõe hoje, porém, sugere que esse dia ainda está distante. No próximo ano, o crescimento do PNB norte-americano poderá ficar em qualquer lugar entre 1,9% e os 3,5% previstos — uma diferença equivalente a nada menos do que US\$ 100 bilhões.

(*) A série Foco Econômico foi iniciada em 17 de abril.